

Em 1960, o TV de Vanguarda, conheceria outro êxito: a versão que Walter George Durst fez do romance de João Alphonsus, Totônio Pacheco. Vinte e nove atores, pertencentes ao cast das Emissoras Associados — “todos de primeira grandeza” — e mais vinte e cinco outros em pequenos papéis, movimentando-se nos doze sets especialmente construídos para o espetáculo e focalizados por quatro câmeras, deram vida aos personagens de João Alphonsus. (43)

A identificação dos atores com os respectivos papéis foi total: Fernando Balleroni interpretou o personagem-título. Do elenco, nessa superprodução, entre outros, faziam parte Glória Menezes (Maria Clara); Henrique Martins (Fernando); Marisa Sanches (Ormindá); Eduardo Abas (Seabra); Régis Cardoso (Jacinto); Geni Prado (Mirtes) e Araken Saldanha (Dr. Peres). (Foto 21)

Ainda em 1960, ano em que a TV Tupi, agora Canal 4, completava o seu décimo aniversário, chegava ao Brasil o vídeo tape, marcando o início de uma nova etapa na história da nossa televisão. Permitindo a gravação de imagem e som simultaneamente e a reprodução posterior dos mesmos no momento que se desejasse, o VT revolucionou a linguagem da televisão. Alguns anos depois, iria favorecer a centralização da produção televisiva no Rio de Janeiro e São Paulo, que passariam a vender seus programas para todo o território nacional, uma vez que as emissoras dos demais estados e cidades, começariam a substituir sua produção local pelos tapes oriundos daqueles dois grandes centros produtores. Mais tarde, com a implantação do Sistema Nacional de Telecomunicações que possibilitaria as transmissões diretas, isto é, dos dois centros produtores para o resto do país, seria dado o impulso definitivo para a consolidação das redes.

Mas nos idos de 60, a chegada da nova conquista técnica foi recebida entre aplausos e pessimismo. Embora permitisse uma linguagem mais elaborada e a correção de erros, aproximando a televisão do cinema, ao vídeo tape, para muitos, faltava o calor da transmissão ao vivo. O trabalho do artista tornava-se, conseqüentemente, mais frio, calmo, pois a inflexão errada de uma palavra, um gesto inadequado, um olhar inexpressivo, tudo poderia ser corrigido. Bastava interromper a gravação, voltar a fita de VT e apagar-se o erro, refazendo-se a cena. Não era mais necessário ter-se o talento de uma Laura Cardoso ou uma Márcia Real para sustentar um espetáculo de longa duração, pois qualquer atriz ou ator menos talentosa(o), bem orientada(o) poderia dizer suas falas parceladamente, corrigi-las até sair certo, decorando-as mesmo no momento da gravação.

Outros defendiam a novidade, alegando que o ator, numa gravação, estaria trabalhando normalmente e, se por acaso errasse, o trabalho seria interrompido, a fita de VT poderia ser voltada e exibida e ele, vendo o seu próprio erro, teria condições de melhor corrigi-lo. Isto não anularia o calor do desempenho, pois o ator sendo, antes de tudo, um profissional ao refazer uma cena, a retomaria com a mesma intensidade e calor. Mas para que isto acontecesse e o ator não se desgastasse, seria necessário que ele tivesse realmente talento. Assim, o vídeo tape representava um benefício e, a exemplo do cinema, onde os erros são corrigidos, lucravam artistas e público, este por assistir a um espetáculo melhor elaborado. Na defesa da nova conquista tecnológica, lembravam que o próprio teatro, conforme a peça, exigia meses de ensaio e permitia a correção de erros (em todos os setores), mesmo após a estréia ter-se dado, ao passo que na televisão ao vivo, estava-se sempre à beira do perigo, pois não havia tempo suficiente para ensaios perfeccionistas e, às vezes, nem para decorar-se adequadamente um texto mais longo. A câmera ali estava para flagrar qualquer erro.

Um dos primeiros testes feitos com o novo equipamento foi a gravação, sem que produtor e elenco soubessem, do capítulo da novela Esta Noite é Nossa, adaptada e produzida por Geraldo Vietri e transmitida no horário do almoço, dentro da Revista Feminina, produzida por Maria Tereza Gregori. Do elenco, entre outros, participavam Márcia Real, Amilton Fernandes, Vera Nunes, Tarcísio Meira e Percy Aires. Após a transmissão do capítulo, um técnico desceu ao estúdio e pediu que os atores e o produtor subissem até a técnica, onde, ao chegarem, para surpresa de todos, reproduziu-se-lhes o capítulo gravado da novela. Em meio ao entusiasmo e espanto dos atores, Geraldo Vietri, segundo ele mesmo conta, teria permanecido calado, olhando para o vídeo onde se projetavam as cenas que há pouco haviam sido transmitidas. Após algum tempo disse: “Aqui termina a televisão brasileira. Em primeiro lugar o ator não precisa mais ter talento para interpretar, pode ser fabricado... porque errou, apagou, voltou... E mais: ... Aqui termina o mercado de trabalho da televisão brasileira. O Sul vai acabar, vai acabar o Norte, vai acabar Belo Horizonte, ficarão apenas São Paulo e Rio de Janeiro.” (44)



(Foto 21) Fernando Balleroni numa cena movimentada de Totônio Pacheco (1960). TV de Vanguarda — TV Tupi — São Paulo Foto/O Cruzeiro

(43) Totônio Pacheco na Televisão, O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 9 de abril de 1960, p.94,95.

(44) Depoimento de Geraldo Vietri ao IDART, São Paulo, 12 de novembro de 1977.